REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 56
JULHO A SETEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 56: ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

CONTEÚDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL DISPONÍVEIS NA INTERNET

CONTENTS ABOUT INTELLECTUAL DISABILITY AVAILABLE ON THE INTERNET

Andressa Caetano Mafezoni
Nathasha Dambrozio Lourenço
Keyla Santana Painaud

Resumo: Este artigo apresenta conteúdos que se encontram na internet que tratam da deficiência intelectual. A pesquisa foi realizada nos sites Google Buscas e YouTube em âmbito brasileiro. Por meio de critérios prévios, foram selecionados conteúdos definidos como produções escritas e audiovisuais, respectivamente, que constituíram duas categorias de análise. Constatou-se que existe um tensionamento dos conteúdos e discursos online entre o modelo médico e o modelo social da deficiência, o que traz consequências sobre a compreensão, a prática pedagógica desenvolvida nas escolas e as experiências acadêmicas desses estudantes, apesar dos avanços legais em prol dos direitos educacionais e sociais das pessoas com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Deficiência intelectual. Conteúdo online. Modelo médico e biopsicossocial da deficiência.

Abstract: This article presents contents found on the internet that deal with intellectual disability. The research was carried out on the websites Google Searchs and YouTube in the Brazilian context. By previous criteria, contents defined as written and audiovisual productions, respectively, were selected, which constituted two categories of analysis. It was found that there is a tension between the contents and online discourses between the medical model and the social model of disability, which has consequences on the understanding, the pedagogical practice developed in schools and the academic experiences of these students, despite the legal advances in favor of of the educational and social rights of people with intellectual disabilities.

Keywords: Intellectual disability. Online content. Medical model and biopsychosocial of the disability.

Introdução

O artigo apresenta conteúdos que se encontram na internet que tratam da deficiência intelectual, por meio de uma pesquisa realizada nos sites Google Buscas e YouTube em âmbito brasileiro. Vale ressaltar que o viés para o desenvolvimento desta discussão se configurou a partir de um momento de formação continuada de professores de educação especial, para os quais perguntamos, em questionários abertos: o que é deficiência intelectual? Na busca por aprofundar e compreender esse e outros aspectos, adicionamos a pergunta: quais fontes de estudo você utiliza? De modo geral, as respostas evidenciavam a deficiência intelectual como

uma limitação de ordem biológica em relação às possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do discente.

Um quantitativo relevante de respostas nos despertou a atenção pelo fato de que, em um total de 151 de professores de educação especial, 62 responderam que utilizam, na internet, sites como o Google e o Youtube como fonte de consulta, informação e estudo no acesso a conteúdos relacionados com a deficiência intelectual e a inclusão escolar. Alguns deles indicaram páginas e canais com apresentação de conteúdos de leitura rápida, ou seja, com conteúdos mais curtos e não científicos. Nesse ínterim, ressaltamos dois aspectos para iniciar a discussão.

O primeiro é que, historicamente, a compreensão sobre a deficiência intelectual e sobre as pessoas que experienciam essa condição humana, geralmente, as evidencia como incapazes, o que subjuga suas potencialidades e direitos no âmbito social e, por sua vez, na escola. Os estudos atuais reportados na literatura acadêmica referentes à deficiência intelectual mostram as lacunas sobre a construção desse conceito, como apontam (SILVA E DESSEN, 2001; SOUZA E BOARINI, 2008; ROSSATO E LEONARDO, 2011; LOPES E MARQUEZINE, 2012; PALMA E CARNEIRO 2012; BRIDI, 2012, 2018; SIMÕES, 2019; CAETANO E PLETSCH, 2019; E MAFEZONI E SIMON, 2020). Em suas pesquisas destacam que o contexto social, os fatores econômicos e os conceitos médico-psicológicos, historicamente datados, têm sido agentes influenciadores da definição sobre o conceito de deficiência intelectual, sua compreensão e a desacreditação sobre as possibilidades de aprendizagem desses sujeitos.

O segundo aspecto é que a internet compõe um espaço de interação e compartilhamento de conteúdos e informações entre diferentes plataformas de buscas, usuários e respectivos perfis, que tem aumentado com o desenvolvimento das tecnologias e ferramentas digitais. Nessa perspectiva, o fato de os professores recorrerem à internet como fonte de informação e estudo faz parte da realidade em que vivemos. Portanto, faz-se necessário ressaltar que a internet reúne diversos conteúdos acerca da deficiência intelectual, desde artigos científicos chancelados por revistas e periódicos qualificados, até sites, blogs, vídeos e *lives* que abordam os assuntos de maneira livre.

Levando em consideração que os professores de educação especial responderam que acessam o espaço cibernético para adquirir informações, complementar ou suplementar seus conhecimentos, cuja qualidade nem sempre é avaliada, podendo comprometer atitudes e práticas pedagógicas, propusemos problematizar alguns conteúdos que se encontram nos sites Google Buscas e YouTube em âmbito brasileiro. Assim, na esteira de um projeto de pesquisa principal, temos aprofundado estudos sobre a deficiência intelectual, formação de professores e inclusão escolar.

É importante ressaltar que compreendemos a deficiência intelectual como Dias (2017), isto é, uma construção abstrata e social, cuja caracterização depende de como é definida, com qual perspectiva e finalidade é elaborada. Entendemos que o tema proposto se insere na reflexão sobre a ampliação da educação como um direito humano, no qual se aloja a proposta de educação para todos, ancorada na perspectiva da educação inclusiva para aqueles que, de algum modo, foram excluídos do processo educacional, na medida em que "[...] a educação especial brasileira passa a constituir a proposta pedagógica da escola definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação" (BRASIL, p. 14, 2008). Assim, a escolarização de estudantes com deficiência não mais em instituições especializadas segregadas, mas em escolas comuns nos impulsiona a problematizar consensos e dissensos sobre a deficiência intelectual.

Imaginário social e deficiência intelectual

Para dar continuidade à discussão, trouxemos algumas considerações sobre o imaginário social acerca da deficiência intelectual. Salientamos que vivemos em um momento histórico em que as novas tecnologias da informação têm contribuído para uma globalização do conhecimento e, ao mesmo tempo, assistimos à migração do conhecimento produzido nas instituições físicas tradicionais para os espaços virtuais.

No entanto, mesmo compreendendo que os avanços tecnológicos contribuem para a difusão de saberes e conhecimentos, ressaltamos que também encontramos

um emaranhado de informações disponíveis sobre a deficiência intelectual nesses espaços virtuais, facilmente acessíveis. Dependendo da fonte pesquisada, pode contribuir para a manutenção de um imaginário social que desacredite as potencialidades das pessoas com deficiência intelectual no espaço escolar.

Nesse sentido, problematizamos que o imaginário social e suas representações sobre a deficiência intelectual são produzidos, em especial, em uma "[...] representação global e totalizante da sociedade como uma ordem em que cada elemento ocupa o seu lugar" (BACZKO, 1985, p. 14). Nessa complexa trama social, aproximamos nossas lentes da escola que acompanha o movimento da educação inclusiva, na qual os estudantes com deficiência intelectual, que antes frequentavam instituições especiais, passaram a compor um cenário carregado de marcas de preconceito e com baixas expectativas de aprendizado e desenvolvimento.

Soma-se a essa escolarização uma formação de professores de educação especial historicamente forjada dentro do modelo médico, baseada em um ensino que segrega os alunos com deficiência intelectual, tendo como pressuposto a medida do que se convencionou atribuir como inteligência.

Nessa perspectiva, Baczko (1985) afirma que os imaginários sociais são referências específicas no vasto sistema que produz toda coletividade que se percebe, divide-se e elabora suas finalidades. Para o autor, o imaginário social pode ser entendido como um conjunto de representações coletivas associadas ao poder. Dessa maneira, o autor não indica aos indivíduos que eles pertencem a uma mesma sociedade, mas também conforma as divisões sociais internas e suas instituições com ênfase na figura do "outro", socialmente legitimando os discursos e as práticas. Por meio do imaginário social, cada momento histórico conduz as suas representações sociais simbólicas e compostas por bases identitárias.

Podemos argumentar que o imaginário social produz e reproduz as representações sociais e desloca o foco de atenção da realidade, legitimando mitos, crenças e ideologias, entre outros. Nessa perspectiva coletiva, a comunicação e as relações sociais se constituem por meio de símbolos que são transformados em realidade concreta, reproduzindo referências que estabelecem uma base identitária com o contexto social, seus fenômenos e acontecimentos. Nessa esteira, o contexto

social e seus agentes estabelecem normas e valores por meio de representações simbólicas através do imaginário social que é uma força que regula a vida coletiva, conforme postula Baczko (1985).

Ferreira e Eizirick (1994) argumentam que muitos problemas vividos na escola que se relacionam com as representações sociais advêm de formações e conceitos interiorizados, cristalizados na rotina escolar, que acabam por naturalizar práticas, muitas vezes excludentes. Acreditamos que os professores e demais profissionais da educação precisam ser incentivados a pensar em conhecimentos e modos de condução de práticas pedagógicas que se distanciem de um imaginário que não produz oportunidades de aprendizado e desenvolvimento para os estudantes com deficiência intelectual.

Assim, como um sistema simbólico, o imaginário social reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e de ritualizações (FERREIRA; EIZIRIK, 1994). Um imaginário que desqualifica a esfera do simbólico e não leva em consideração que esses alunos trazem mitos, crenças, valores e ideias em sua identidade cultural, que são próprios do seu grupo social.

Além disso, enfatizamos a importância de que os professores de sala de aula comum, especialistas e demais profissionais da educação desmistifiquem o conceito de deficiência intelectual e compreendam como ele tem se constituído na sociedade e na escola, ao passo que o imaginário social não é reflexo da realidade: é seu fragmento, conforme Ferreira e Eizirik (1994). Logo, é importante ressaltar que o ambiente virtual tem se configurado como parte das ferramentas de estudos e atualizações de professores.

Nessa perspectiva, é prudente compreendermos quais pistas esse arcabouço virtual nos oferece referentes ao imaginário social e conceitual produzido sobre a deficiência intelectual. Dessa maneira, produções de sentidos circulam na sociedade e permitem a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais. Isso é vivido de tal forma pelos agentes sociais que passa a representar para o grupo o sentido de verdadeiro (FERREIRA; EIZIRIK, 1994).

Método

A discussão ora em tela lança mão da pesquisa exploratória que, segundo Moreira e Caleffe (2008), tem o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno, esclarecendo e modificando os conceitos e as ideias para a formulação de abordagens posteriores. As pesquisas dessa natureza constituem, em sua primeira etapa, uma investigação mais ampla e necessitam de uma proximidade com seu campo e instrumentos para que os limites de seus objetivos sejam delimitados (MINAYO, 2002).

Nesse sentido, iniciamos a produção dos dados realizando um levantamento de conteúdos nas plataformas Google Buscas e YouTube, considerando a liderança dessas empresas no mercado digital brasileiro, popularmente conhecidas e majoritariamente utilizadas quando se trata de buscas na *web*. Vale destacar que a agência de *marketing* digital, a britânica Hedgehog Digital, realizou a pesquisa de comportamento digital *State of Search Brasil 2020: como as pesquisas online influenciam o dia a dia do brasileiro* com o objetivo de traçar estratégias de consumo, revelando que há uma preferência de plataformas para buscas que aponta para o Google Buscas e o YouTube como os mais utilizados.

Coletar dados de fontes em que há mudança de postagens contínuas faz a pesquisa desafiadora. Por outro lado, nesse movimento, "[...] nos dão a possibilidade de verificar certas ideias debatidas nacionalmente [...]" (ORTEGA et al., 2013). Por conseguinte, estabelecemos os critérios de buscas de conteúdos referentes à deficiência intelectual nas duas plataformas para dar confiabilidade ao material.

Em relação ao Google Buscas, adotamos o critério de seleção de todos os resultados das duas primeiras páginas, objetivando a obtenção de uma amostragem ampliada de sites que possivelmente seriam acessados. Elegemos tal critério pelo fato de as duas primeiras páginas trazerem informações direcionadas às palavras-chave utilizadas. A partir delas, as informações começam a se mostrar mais pulverizadas, distanciando-se da intenção da busca.

Quanto ao YouTube, foram adotados três critérios: títulos que remetessem à palavra-chave; produções audiovisuais que constassem, na primeira página, conteúdos publicados nos últimos cinco anos; e a atualidade dos vídeos.

É importante ressaltar que o acesso às duas plataformas e às buscas foi realizado em apenas um computador com o navegador Google Chrome em modo anônimo para que não houvesse nenhuma interferência da conta pessoal do usuário nas buscas, uma vez que o navegador já armazena, de forma automática, hábitos, informações e rastros digitais dos usuários, podendo direcioná-los a resultados e a conteúdos que foram anteriormente acessados ou que correspondem ao perfil de consumo digital do usuário.

No caso do YouTube, o rastro digital fica perceptível pelo fato de que os algoritmos são sequenciados em um "*loop* de *feedback*", o que indica que ocorre um ajuste em tempo real de sugestões de vídeo de acordo com os acessos do usuário. Dessa maneira, o YouTube encontra o conteúdo ideal para cada perfil com o objetivo de que o usuário consuma e permaneça mais tempo na plataforma. Dessa forma, o algoritmo considera alguns dados de comportamento do usuário, como número de cliques no vídeo, tempo de visualização, curtidas, comentários, compartilhamentos, inscrições no canal, dentre outros fatores que direcionam os resultados e as sugestões de conteúdo. Por isso a importância de utilizar uma conta desvinculada o máximo possível de rastros digitais.

Nessa sequência, a palavra-chave buscada nas duas plataformas foi "deficiência intelectual". No Google Buscas, obtivemos um total de 33 sites presentes nas duas primeiras páginas de resultados, sendo 22 deles sobre anúncios de serviços, consultas médicas, materiais acadêmicos e outros voltados ao tema e, portanto, somente 11 passíveis de análise. Adicionamos a palavra "educação", utilizando a palavra-chave composta "deficiência intelectual e educação", com o objetivo de relacionar os conteúdos sobre a deficiência intelectual com o ambiente escolar e obtivemos um total de 25 sites, cinco passíveis de análise foram selecionados.

Vale ressaltar que utilizamos o termo "passíveis de análise" para os sites que traziam conteúdos sobre a deficiência intelectual e a educação e não sobre anúncios de serviços, consultas médicas, materiais acadêmicos e outros voltados ao tema. Ressaltamos que os materiais acadêmicos foram suprimidos pelo fato de os questionários respondidos indicarem buscas de conteúdos com rapidez.

Por conseguinte, em uma nova pesquisa, utilizamos a palavra-chave composta por “deficiência intelectual e educação inclusiva” e obtivemos 33 sites. Os quatro passíveis de análise não foram selecionados, pois já estavam presentes nos resultados da busca com a palavra-chave “deficiência intelectual e educação”.

Por fim, realizamos uma busca com a pergunta “O que é deficiência intelectual?”. No resultado total de 31 sites, 10 passíveis de análise foram selecionados. A tabela abaixo ilustra o processo de busca.

Tabela 1 – Quantitativo dos resultados das pesquisas no Google Buscas

Descritor	Resultados totais das duas primeiras páginas	Passíveis de análise	Selecionados
“Deficiência Intelectual”	33	11	
“Deficiência Intelectual e educação”	25	05	X
“Deficiência Intelectual e educação inclusiva”	33	04	
“O que é Deficiência Intelectual”	31	10	X

Fonte: Elaboração das autoras.

Com base nos dados descritos, *a priori*, somente os conteúdos referentes às palavras-chave “deficiência intelectual e educação” e “O que é deficiência intelectual?” foram descritos e analisados. Em relação aos conteúdos pertencentes às palavras-chave “deficiência intelectual” e “deficiência intelectual e educação inclusiva”, que foram excluídos, englobam um quantitativo de endereços eletrônicos que estão presentes nas outras duas primeiras palavras-chave que foram marcadas na tabela como selecionadas. A palavra-chave “deficiência intelectual” apresentou materiais voltados para contextos clínicos, e “deficiência intelectual e educação inclusiva” apresentaram um quantitativo elevado de materiais científicos, como artigos e teses. Dessa maneira, como exposto na Tabela 1, foram selecionados dez sites para as palavras-chave “O que é deficiência intelectual?”, cinco para “deficiência intelectual e educação”, totalizando 15 endereços na plataforma Google Buscas.

Para selecionar os conteúdos no YouTube, utilizamos as mesmas palavras-chave destacadas Tabela 1, de modo que “deficiência intelectual e educação” e “O que é deficiência intelectual?”, apresentaram cada uma o quantitativo de oito conteúdos passíveis de análise, totalizando 16 produções audiovisuais selecionadas na plataforma. No Quadro 1, é possível visualizar uma breve síntese dos conteúdos referentes à deficiência intelectual encontrados em 13 dos 15 sites selecionados no Google Buscas.

Quadro 1 – Síntese dos conteúdos sobre a deficiência intelectual encontrados no Google Buscas

Site	Resumo dos conteúdos
1	“Pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas (como as metáforas, a noção de tempo e os valores monetários), estabelecer relações sociais, compreender e obedecer a regras, e realizar atividades cotidianas – por exemplo, as ações de autocuidado”.
2	“Crianças com deficiência intelectual apresentam raciocínio e compreensão abaixo da média em relação a outras crianças da mesma idade. Isso exige do professor um esforço e dedicação complementar, adicionados de estratégias de ensino altamente eficientes”.
3	“Os deficientes intelectuais possuem limitações significativas nas suas relações interpessoais. A DI atinge entre 3 a 4% das crianças. Elas apresentam um comportamento mundo abaixo de suas idades cronológicas. Uma criança de 8 anos ou 9 anos, por exemplo, apresenta um perfil de comportamento e cognição de 5, 4 anos”.
4	“Um estudante com deficiência intelectual não tem idade mental diferente da cronológica, nem é menos inteligente que os demais. Ele é diferente, como todos os outros, com algumas características que se sobressaem, talvez. Mas, é importante lembrar que, na educação inclusiva, a diferença é reconhecida como um valor e cada um tem o direito de ser como é”.
5	“A deficiência intelectual é caracterizada por limitações nas habilidades mentais gerais. Essas habilidades estão ligadas à inteligência, atividades que envolvem raciocínio, resolução de problemas e planejamento, entre outras. A inteligência é avaliada por meio do Quociente de Inteligência (QI) obtido por testes padronizados. O resultado de uma pessoa com Transtorno de Desenvolvimento Intelectual nessa avaliação situa-se em 75 ou menos”.
6	“A deficiência intelectual é caracterizada pelo funcionamento cognitivo que não corresponde à média esperada, ou seja, que esteja abaixo do que é considerado normal [...]. Por se tratar de uma limitação que atinge determinadas habilidades da pessoa, é sempre bom lembrar que os casos devem ser analisados de forma isolada pelas peculiaridades que cada paciente tem”.

7	“As crianças com DI, além de apresentarem um nível cognitivo abaixo do esperado, são muito dependentes e necessitam de um adulto que as ajude a compreender algumas coisas. Também costumam evitar determinadas atividades, porque sentem dificuldade na sua compreensão e elaboração. A criança com deficiência intelectual demora mais para se alfabetizar e para aprender os conteúdos da escola. Além disso, pode ter dificuldade de interação social por não conseguir acompanhar conversas e jogos com crianças da sua idade”.
8	“Deficiência intelectual é considerada um distúrbio do desenvolvimento neurológico. Distúrbios do neurodesenvolvimento são condições neurológicas que aparecem precocemente na infância, geralmente antes da idade escolar, e prejudicam o desenvolvimento do funcionamento pessoal, social, acadêmico e/ou profissional. Normalmente, envolvem dificuldades na aquisição, retenção ou aplicação de habilidades ou conjuntos de informações específicas”.
9	“A deficiência intelectual é um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média desde o nascimento ou período inicial da vida do bebê, causando limitações na capacidade de realizar atividades normais da vida diária”
10	“A deficiência intelectual é diagnosticada quando o indivíduo apresenta um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação; autocuidados; vida doméstica; habilidades sociais/interpessoais; uso de recursos comunitários; autossuficiência; habilidades acadêmicas; trabalho; lazer; e saúde e segurança”.
11	“A deficiência intelectual significa uma capacidade reduzida de compreender informações novas ou complexas e de aprender e aplicar novas habilidades (inteligência prejudicada) [...] A deficiência depende não apenas das condições de saúde ou incapacidades de uma criança, mas também, e de forma crucial, dos fatores ambientais que apoiam a participação e a inclusão plena da criança na sociedade”.
12	“Trata-se de um transtorno do desenvolvimento que faz com que o indivíduo tenha um nível cognitivo e comportamental abaixo da sua idade cronológica”.
13	“As pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir a sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Fonte: Elaboração das autoras, com base em dados do Google Buscas.

Após a seleção dos conteúdos, por meio das plataformas Google Buscas e YouTube, foram selecionadas 15 produções escritas e 16 audiovisuais a fim de apresentar e problematizar os conteúdos encontrados na internet sobre deficiência intelectual. Para a produção dos dados, foram construídas duas categorias: na primeira, em relação ao Google Buscas, analisamos dez sites com materiais escritos e seis canais com produções audiovisuais do YouTube. Na segunda, analisamos cinco sites com materiais escritos no Google Buscas e dez canais com produções audiovisuais disponibilizadas no YouTube. Ressaltamos que a amostra utilizada

para essa discussão foi produzida durante os meses de fevereiro a agosto de 2021[1], e alguns materiais podem ter permanecido na internet, outros podem ter sido modificados, excluídos ou renovados.

Resultados e discussão

Na primeira categoria, resumimos os conteúdos com abordagem clínica que apresentaram características orgânicas das pessoas com deficiência intelectual. Na segunda categoria, agrupamos os conteúdos que inserem o contexto histórico-social como um elemento de influência na delimitação de barreiras sociais e, consequentemente, na definição da deficiência intelectual, mas, de modo geral, mantêm discussões e informações acerca do modelo médico da deficiência intelectual. Em relação à construção do imaginário social, valemo-nos das contribuições de Baczko (1985), quando argumenta que a coletividade designa sua identidade, elaborando uma representação de si mesma, construindo uma representação totalizante da sociedade, tendo em vista que cada elemento tem seu lugar, sua identidade e sua razão de ser.

Nessa direção, nos dez sites do Google Buscas relativos à primeira categoria, há semelhanças nos conteúdos que caracterizam a deficiência intelectual como transtorno do desenvolvimento, no qual a pessoa apresenta nível cognitivo abaixo de sua idade cronológica, dificuldades e limitações nas relações interpessoais, adaptação, memorização, raciocínio, resolução de problemas, planejamentos de tarefas diárias, aprendizagem, controle motor e outras características. Um dos sites destaca como característica a "incapacidade em realizar atividades normais da vida cotidiana". Do total dos dez sites do Google Buscas, seis mencionaram o teste de QI como método para avaliar a inteligência, caracterizar a deficiência intelectual, a incapacidade e os níveis de cognição. No quadro abaixo apresentamos os dados

[1] Em 2021, essa pesquisa foi realizada com o incentivo do CNPq, através do Programa de Iniciação Científica, concedido a uma das autoras deste artigo que, atualmente (2023), é estudante de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

qualitativos presentes nas páginas digitais resultantes da pesquisa no Google Buscas referente à utilização do QI.

Quadro 2 – Caracterização do teste de QI nos sites selecionados pelo Google Buscas

Site	Perspectiva
1	A inteligência é avaliada a partir de um teste de QI padronizado, considerando a existência de Transtorno de Desenvolvimento Intelectual (TDI) para aqueles indivíduos que apresentem resultado com desvio padrão de 15 pontos abaixo da média – 100 –, totalizando 75 ou menos na avaliação para ter TDI.
2	A deficiência intelectual é um transtorno que manifesta desenvolvimento cognitivo baixo, com QI menor que 70 pontos.
3	De acordo com Sulkes (2022), a incapacidade intelectual é caracterizada por QI abaixo de 70 a 75. Entretanto, é necessário analisar outros aspectos, como a necessidade de suporte para execução de atividades.
4	"3% da população possui incapacidade intelectual (QI abaixo de 70 pontos)".
5	A classificação da deficiência intelectual tem quatro níveis: "retardo mental" leve (QI entre 50-69), moderado (QI entre 35-49), grave (QI entre 20-40) e profundo (QI abaixo de 20).

Fonte: Elaboração das autoras, com base em dados do Google Buscas.

A pontuação do Quociente de Inteligência (QI) das pessoas com deficiência intelectual nos sites apresenta um padrão que caracteriza a incapacidade intelectual com números iguais ou inferiores a 75/70 pontos. Assim, argumentamos que o foco em medidas estatísticas, desconsiderando o âmbito sociocultural, interfere na concepção de deficiência intelectual de cada um. O desconhecimento ou a compreensão equivocada acerca do que seja a deficiência intelectual impede um olhar ampliado sobre a questão e, consequentemente, sobre o planejamento e práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem que deveria se interpor ao desenvolvimento do aluno.

Nesse sentido, Baczko (1985) afirma que o imaginário social é um instrumento que regula a vida coletiva, definindo os papéis e as posições sociais por meio das referências simbólicas, criando mecanismos de manejo do imaginário, por exemplo, os conteúdos veiculados nas redes sociais. Por isso, de acordo com Mafezoni e Simon (2020), a associação historicamente realizada entre a deficiência intelectual e as limitações de caráter cognitivo foi um fator que muito contribuiu para a consolidação dessa concepção no imaginário social, incentivando a adoção dos testes de QI para mensurar a "idade mental" dos estudantes.

No YouTube, seis produções audiovisuais selecionadas e presentes na primeira categoria se enquadram no critério de conceituação, apresentação de sintomas, diagnóstico e tratamentos da deficiência intelectual. Ao calcular a média aritmética simples do tempo de duração dos vídeos, temos cerca de cinco minutos. O conteúdo digital mais curto é de 2min25s e o mais longo, de 7min42s. Dessa forma, fica evidente que a deficiência intelectual foi apresentada e discutida de forma breve, resumida e sem continuidade. De acordo com Dionízio (2018), a maneira como o ciberespaço é utilizado pode resvalar em uma reprodução de saberes de forma unilateral, sem que haja construção efetiva de conhecimento. Nesse sentido, é importante romper com uma ideia de encaixe de informações de forma rápida e sem reflexão do que se consome.

O conteúdo veiculado não possibilita a problematização da deficiência intelectual como uma produção social "[...] resultado da relação entre biologia e cultura na constituição de sujeitos humanos" (CARNEIRO, 2017, p. 81), o que, por sua vez, invisibiliza a dimensão cultural que envolve a construção do conceito da deficiência intelectual. Destacamos que os materiais audiovisuais analisados possuem semelhança com os escritos, tanto em relação à abordagem dos temas quanto à adoção teórica. Pelo fato de estarem agrupados em *playlists* propostas pelo YouTube, há apenas distinções pontuais entre os conteúdos.

De modo geral, tanto no Google Buscas quanto no YouTube, a deficiência intelectual foi definida como um transtorno do desenvolvimento que o indivíduo apresenta, ou seja, está relacionada com o nível cognitivo abaixo de sua idade cronológica, dificuldades e limitações de relações interpessoais no que se refere à adaptação, memorização, raciocínio, aprendizagem, controle motor, dependência e limitações intelectuais relativas a abstrações e generalização de objetos.

Dessa maneira, constatamos que as discussões e os conteúdos apresentados nos sites e nos vídeos têm bases fundamentadas na abordagem médica e psicométrica e também trazem em seu bojo aspectos do conceito de deficiência intelectual divulgado pela Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento (AAIDD). Historicamente, esse conceito apresenta uma abordagem clínica que atualmente considera o ambiente social como integrante

da definição da deficiência intelectual. Isso não tem sido o suficiente para reverter um imaginário social e um modelo associado à perspectiva médica e psicométrica na escola, que se relaciona com a deficiência intelectual como um fator de ordem biológica e individual. No *site* da AAIDD encontramos: "Uma forma de medir o funcionamento intelectual é um teste de QI. Geralmente uma pontuação de teste de QI em torno de 70, ou tão alta quanto 75, indica uma limitação no funcionamento intelectual (AAIDD, 2022, tradução nossa).

Ao definir e avaliar a deficiência intelectual, a AAIDD enfatiza que fatores adicionais devem ser levados em consideração, como:

> [...] o ambiente comunitário típico dos colegas e da cultura do indivíduo. Os profissionais também devem considerar a diversidade linguística e as diferenças culturais na maneira como as pessoas se comunicam, se movem e se comportam (AAIDD, 2022, tradução nossa).

Assim, de certo modo, os conteúdos veiculados nas plataformas nos remetem aos questionários citados no início do texto, em sua maioria respondidos por professores de educação especial, que dizem utilizar a internet como fonte de estudo e/ou complementação de informações. Nos questionários, quando perguntados sobre seu entendimento sobre a deficiência intelectual, recebemos respostas como*: "É um transtorno de desenvolvimento que faz com que o indivíduo tenha um nível cognitivo e comportamental muito abaixo do que é esperado para sua idade cronológica"; "Caracteriza-se por ter um funcionamento intelectual significativamente inferior à média"; "É um condicionamento em que o indivíduo não corresponde cognitivamente à sua idade cronológica"; "Deficiência intelectual está ligada a dificuldades relacionadas à inteligência da criança, a qual é considerada abaixo do esperado".*

Entendemos que ainda é notória a forte influência do modelo médico-psicológico, historicamente ligado à escolarização de estudantes com deficiência intelectual, apesar dos avanços da educação especial como área de conhecimento, modalidade de ensino, e instrumento de políticas públicas que levam à construção de uma educação inclusiva.

Nesse sentido, “[...] a potência que unifica os imaginários sociais está baseada na fusão entre a verdade e a normatividade, valores e informações, pelos quais operam justamente a lógica do simbolismo” (BACZKO, 1985, p. 27-28). Ademais, o modo de lidar com a escolarização desses estudantes, levando em consideração a lógica simbólica sobre a deficiência intelectual, vem sendo marcado, segundo Caetano e Pletsch (2019), pela complexidade do conceito historicamente utilizado na área da educação especial, sem muitos questionamentos sobre sua origem e significados.

Nessa direção, na segunda categoria construída, apresentamos conteúdos que inserem o contexto histórico-social como um elemento de influência na delimitação de barreiras sociais e, consequentemente, na definição da deficiência intelectual. Mas, de modo geral, são mantidas as discussões e as informações acerca do modelo médico-psicológico. Entretanto, argumentamos que, mesmo que esse modelo esteja presente na escola, a possibilidade de discussão, a partir de um modelo social da deficiência, abre possibilidades para novos entendimentos acerca do tema.

Nesse movimento, foram acessados cinco sites com materiais escritos, selecionados no Google Buscas, e dez produções audiovisuais, disponíveis no YouTube. Em relação aos sites, em termos gerais, apresentam a conceituação clínica da deficiência intelectual com o acréscimo de alguma intervenção de cunho social – com exceção de um site que problematiza mitos relacionados com o desenvolvimento e a idade mental, associados aos estudantes com deficiência intelectual. Destacamos essa exceção pelo fato de que apresenta a deficiência intelectual a partir do modelo social, explicitando que a deficiência não está apenas no indivíduo, mas também nas barreiras criadas pelo ambiente, e que a inclusão é o fator preponderante para o rompimento dessas barreiras.

Desse modo, o conteúdo apresentado no Google Buscas aponta que a sociedade e a comunidade escolar tendem a responsabilizar o estudante com deficiência pela não aprendizagem, perpetuando uma lógica do binômio normalidade/anormalidade. Ademais, o conteúdo faz uma crítica ao método de análise de QI, argumentando que o teste é um instrumento ultrapassado para

mensurar a inteligência e definir normalidades e anormalidades. Esclarece, ainda, que a pessoa com deficiência intelectual não deve ser vista como alguém que possui comportamentos abaixo de uma idade cronológica, mas, sim, que se expressa de forma diferente dos demais.

Os outros quatro sites, presentes nos resultados do Google Buscas, explicitam a deficiência intelectual como fator que limita, dificulta e reduz a capacidade de raciocinar, compreender ideias abstratas, resolver problemas, estabelecer relações e aplicar novas habilidades, além de pontuar e não desconsiderar os fatores sociais. Ao mesmo tempo em que apontam características e fazem análises orgânicas e individuais, também ressaltam a importância de compreender a influência do ambiente social, que pode construir barreiras ou pontes para as pessoas com deficiência intelectual, enfatizando apontamentos para tornar a inclusão possível.

Ao levar em consideração o imaginário social, que é, segundo Baczko (1985), baseado em simbolismos que assumem estruturas de grande estabilidade, entendemos que o conteúdo veiculado na internet também deve ser encarado, de acordo com Mafezoni e Simon (2020), como um alvo discursivo e institucional inserido no imaginário social. Este se desenvolve nas sociedades contemporâneas, ao passo que a deficiência intelectual faz parte do imaginário como determinação efetiva e eficaz com impacto direto no processo educacional.

Nesse sentido, argumentamos que os conteúdos dispostos nesses quatro sites não possibilitam a desvinculação do modelo médico em relação à deficiência intelectual. Isso porque os sites vinculam a deficiência intelectual à mensuração de inteligência pelo teste QI, destacando inúmeras dificuldades dos indivíduos e frisando que o desenvolvimento pode ser considerado lento, ao mesmo tempo em que lançam questões acerca das implicações do ambiente social na aprendizagem.

Na plataforma YouTube, oito das dez produções audiovisuais apresentam algum tipo de metodologia de intervenção relativa à aprendizagem de crianças com deficiência intelectual, por exemplo, não trabalhar apenas com atividades acadêmicas, mas também com dinâmicas que estimulem o desenvolvimento social e adaptativo do estudante. Dois materiais audiovisuais defendem o uso do Plano de

Ensino Individualizado (PEI), que deve ser definido de forma criteriosa e sistematizada por profissionais da escola, além das demais áreas que atendem à criança em conjunto com a família.

Segundo o PEI, o contexto do estudante deve ser compreendido a partir de um plano que promova a ampliação de seus conhecimentos e potencialize o processo de aprendizagem com a análise de seu nível cognitivo e desenvolvimento de atividades acadêmicas e sociais.

Um dos vídeos expõe o método *Applied Behavior Analysis* (ABA), conhecido como Análise do Comportamento Aplicado, uma alternativa eficaz para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual. Outra produção sugere o uso da tecnologia digital como ferramenta de intervenção no processo de ensino e aprendizagem.

Duas produções audiovisuais problematizam o termo “limitação”, que se relaciona com a deficiência intelectual, uma vez que, de acordo com o conteúdo dos vídeos, há um foco nas limitações ocasionadas pela deficiência, obnubilando as potencialidades e habilidades do indivíduo. Comumente o fracasso nas atividades acadêmicas e sociais é atribuído ao estudante, ou seja, um problema intrínseco ao indivíduo, sem que haja a reflexão de que possa estar associado, por exemplo, a políticas públicas de acesso e permanência, à organização das escolas e ao planejamento das aulas e realização de atividades.

Quanto ao uso de testes de QI, três conteúdos audiovisuais mencionam sua utilização com a ressalva da importância de ser realizado por profissionais capacitados e de forma criteriosa. Também destacam o erro ao se utilizar o QI como método único e exclusivo para diagnósticos e avaliação de nível cognitivo do indivíduo. Nesse sentido, um vídeo condena a demonização generalizada do teste, enfatizando que, historicamente, foi utilizado para a promoção da segregação e instrumento de poder, mas é reconhecido como ferramenta que auxilia o diagnóstico da deficiência e não pode ser simplesmente descartado.

Um outro vídeo destaca que as avaliações da inteligência, apesar de historicamente utilizadas como forma de separação das crianças “educáveis” das “não-educáveis”, atualmente, demonstram que a deficiência intelectual não é apenas

uma questão médica, mas também educacional, uma vez que o teste de QI é recomendado desde que haja a avaliação de outros fatores adaptativos e educacionais. Entretanto, a utilização e classificação ainda se mostra nociva para aqueles diagnosticados a partir desses testes, além de ser contraditórias aos princípios da educação inclusiva.

Dessa maneira, as produções escritas e audiovisuais, de modo geral, apresentam conteúdos mais voltados para o modelo médico, trazendo, de modo tímido, o modelo social da deficiência intelectual. Quando um conteúdo é acessado, dependendo do rastro digital da conta, as plataformas Google Buscas e do YouTube podem direcionar o acesso a páginas com materiais que têm o perfil daquele usuário. Nessa perspectiva, como argumenta Baczko (1985, p. 28), o imaginário social refere-se a um conjunto de parâmetros sociais simbólicos produzidos pelo coletivo, por meio do qual esse "[…] se percebe, se divide e elabora suas finalidades". Esses símbolos sociais ajustam tanto o objeto quanto as reações dos sujeitos em vista a esse objeto, incorporam valores e conformam condutas, além de orientar os indivíduos a uma ação comum. Nesses termos, produz-se uma representação totalizante de um evento ou fenômeno, no qual cada um tem o seu lugar, a sua identidade e a sua razão de ser.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma abordagem da compreensão sobre a deficiência intelectual na internet, por meio de uma pesquisa realizada nos sites Google Buscas e YouTube em âmbito brasileiro. Assim, com referência aos conteúdos encontrados na internet e traduzidos pelas categorias, constatamos que as relações estabelecidas com pessoas com deficiência intelectual, de modo geral, têm evidenciado um imaginário social, o que resvala na conceituação médica e antissocial da deficiência intelectual, trazendo à tona as influências de um passado segregador e anulando suas potencialidades no processo de ensino e aprendizagem (Mafezoni; Simon, 2020). Soma-se a isso, o pouco conhecimento sobre a abordagem biopsicossocial ou modelo social da deficiência na atualidade, definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2003, como uma perspectiva multicausal da deficiência que leva em consideração os fatores biomédicos,

individuais e sociais, influenciados por questões ambientais em uma interação dinâmica.

Vimos que o acesso a essas informações depende do perfil do usuário e da máquina utilizada. Dependendo de quem acessa a rede, há a possibilidade de que o algoritmo direcione a busca para sites e outros espaços, cujos conteúdos apresentam informações e ou discussões sobre a deficiência intelectual de forma rasa, preconceituosa e atrelada ao modelo médico da deficiência.

Dessa forma, com a adesão cada vez mais intensa da cibercultura nas diversas esferas da sociedade, em que a internet passou a ser uma ferramenta utilizada para disseminar informações de forma intensa e acelerada, o campo educacional passa a ser digitalmente influenciado por materiais para suprir uma necessidade de conteúdo sobre vários assuntos.

Diante da especificidade de cada um dos estudantes em seu processo de escolarização, baseados em evidências da realidade escolar e em discussões científicas na área da educação especial, entendemos que uma possibilidade de contribuir com a reflexão sobre o que se acessa na internet, em nosso ponto de vista é a compreensão sobre a deficiência intelectual e todos os outros aspectos com ela relacionados, desmistificando as impossibilidades historicamente atribuídas a esses estudantes. O movimento de construção de conhecimentos e de atualização deve ser realizado por meio de fontes de estudo seguras, pois a pesquisa aponta que existe um tensionamento dos conteúdos e discursos online entre o modelo médico e o modelo biopsicossocial, o que traz consequências sobre a compreensão e a prática pedagógica desenvolvida nas escolas e as experiências acadêmicas desses estudantes, apesar dos avanços legais em prol dos direitos educacionais e sociais das pessoas com deficiência intelectual.

Referências:

AAIDD. *Definition of Intellectual Disability*. American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. Disponível em: <https://www.aaidd.org/intellectual-disability/definition>. Acesso em: out. 2021.

BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. et al. *Anthropos-homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em:



<https://docplayer.com.br/21101171-Baczko-bronislaw-a-imaginacao-social-in-leach-edmund-et-alii-anthropos-homem-lisboa-imprensa-nacional-casa-da-moeda-1985.html>. Acesso em: set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.* Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: out. 2021.

CARNEIRO, M. S. C. Deficiência mental e deficiência intelectual em debate. In CAIADO, Kátia Regina Moreno; BATPISTA, Claudio Roberto; JESUS, Denise Meyrelles (org.). *Contribuições da abordagem histórico-cultural para a compreensão da deficiência intelectual.* Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

CAETANO, A. M.; PLETSCH, M. DENISE. Os conceitos de inteligência e de deficiência intelectual: as mesmas origens? *Rev. Contrapontos*, v. 19, p. 392-407, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v19n1.p392-407>. Acesso em: out. 2021.

DIAS, S. S.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 19, n. 2, p. 169-182, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382013000200003>. Acesso em: 20 set. 2021.

DIONÍZIO, E. V. Plataformas digitais da Associação Nova Escola: interações e desenvolvimento profissional docente. 2018. *Dissertação* (Mestrado em educação) - Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Educação, Uberlândia. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/25307>. Acesso em: 06 de junho de 2021.

FERREIRA, N. T.; EIZIRIK, M. F. Imaginário social e educação: revendo a escola. *Em Aberto,* Brasília, v. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/issue/view/202>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

LOPES, E.; MARQUEZINE, M. C. Sala de recursos no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 18, n. 3, p. 487-506, jul./set., 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000300009>. Acesso em: 24 set. 2021.

MAFEZONI, A.C; SIMON, C. . A Pessoa com Deficiência Intelectual e as Concepções de Professores de Educação Especial. *Educação em Perspectiva* (ONLINE), v. 11, p. 1-15, 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v11i.8530>. Acesso em: 08 ago. 2021.



MINAYO, M. C. S. (org.*). Pesquisa social:* teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.* 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORTEGA, F. A construção do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. *Revista Interface,* Rio de Janeiro, v. 17, n. 44, p. 119-132, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100010>. Acesso em: 12 de julho de 2021.

PALMA, D. T.; CARNEIRO, R. U. C. O olhar social da deficiência intelectual em escolas do campo a partir dos conceitos de identidade e de diferença. *Rev. Bras. Ed. Esp.,* Marília, v. 24, n. 2, p.161-172, abr./jun., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200001> Acesso em: 16 de agosto.

ROSSATO, S. P. M.; LEONARDO, N. S. T. A deficiência intelectual na concepção de educadores da educação especial: contribuições da psicologia histórico-cultural. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.17, n.1, p.71-86, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000100006>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psicologia:* Teoria e Pesquisa, v. 17, n. 2, p. 133-141, maio/ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000200005>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

SIMÕES, J. Sobre deslizamentos semânticos e as contribuições das teorias de gênero para uma nova abordagem do conceito de deficiência intelectual. *Saúde Soc.,* São Paulo, v. 28, n. 3, p.185-197, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180653>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

SOUZA, de M. L.; BOARINI, M. L. A deficiência mental na concepção da liga brasileira de higiene mental. *Rev. Bras. Ed. Esp.,* Marília, v.14, n. 2. p. 273-292, mai./ago. 2008. Edição Especial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382008000200009>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

STATE OF SEARCH BRASIL 2020: Como as pesquisas o*nline* influenciam o dia a dia do brasileiro. *Hedgehog.* Disponível em: <https://www.hedgehogdigital.co.uk/br/blog/state-of-search-brasil/>. Acesso em: 25 set. 2021.